
Mulheres-atletas no mundo antigo e o discurso sobre a participação feminina nos Jogos Olímpicos modernos

Women athletes in the ancient world and the discourse on the women's participation in modern Olympic Games

Gilberto da Silva Francisco*

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir a participação feminina em eventos atléticos em três níveis: o primeiro é o discurso de Pierre de Coubertin articulado no contexto da criação dos Jogos Olímpicos modernos e suas consequências; em seguida, o impacto desse discurso na compreensão da inserção feminina em eventos atléticos ao longo do século XX e, por fim, em que medida esses dois níveis de discurso sobre essa participação estão baseados na experiência antiga de Jogos Olímpicos. Ainda, a partir das recentes informações, propõe-se repensar as conexões existentes entre a inserção feminina e o universo atlético na Antiguidade e na contemporaneidade.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos antigos e modernos; mulheres-atletas; práticas atléticas.

Abstract: This article aims to discuss women's participation in athletic events at three levels: the first is the speech of Pierre de Coubertin in the context of the creation of the modern Olympics and its consequences, and its impact on the understanding of female inclusion in athletic events throughout the twentieth century and, finally, to what extent these two levels of discourse on this participation are based on the experience of the ancient Olympic Games. Still, as of recent information, it is proposed to rethink the connections between female inclusion and athletic universe in antiquity and in modern times.

Keywords: Ancient and modern Olympic Games; women athletes; athletic practices.

* Bacharel em História pela FFLCH/USP. Licenciado em História pela FE/USP. Mestre em Arqueologia pela MAE/USP. Doutorando em Arqueologia pela MAE/USP. *E-mail:* gisifran@yahoo.com.br

As pessoas nos Estados Unidos estavam acostumadas a pensar que se as garotas fossem boas esportistas sua sexualidade seria afetada. Ser feminina significava ser uma líder de torcida, não ser uma atleta. A imagem da mulher está mudando agora. Você não tem que ser bela para que as pessoas venham ver você jogar. Ao mesmo tempo, se você é uma boa atleta, isso não significa que você não seja uma mulher.¹

(Martina Navratilova)

A participação de mulheres em concursos esportivos é um tema cujo debate está bastante vivo. A sua inserção atual em eventos internacionais (como nos Jogos Olímpicos), regionais (como nos Jogos Pan-Americanos) e em específicos (como na disputa da Corrida de São Silvestre) se deu num constante processo de disputa pelo poder e a ascensão de lideranças políticas femininas.² Por exemplo, a tradicional Corrida de São Silvestre, iniciada em 1925, só teve oficializada a participação feminina 50 anos depois de sua primeira edição (em 1975) e 30 anos depois da admissão de atletas (masculinos) estrangeiros (em 1945). (LIMENA, 1996, p. 95; VIEIRA; FREITAS, 2007, p. 61). No que se refere à participação feminina nos Jogos Olímpicos (evento que congrega um grande número de países filiados, daí sua importância no quadro político internacional),³ houve uma clara delimitação das funções das mulheres, as quais, segundo Pierre de Coubertin (1863-1937), idealizador dos Jogos Olímpicos modernos, deveriam ter a participação vetada nas provas. Coubertin refletiu sobre aspectos variados dos Jogos Olímpicos em uma extensa bibliografia,⁴ e a participação feminina foi tratada mais consistentemente num artigo de 1912, no qual o autor rechaça, inclusive, uma Olimpíada específica para mulheres: “Impraticável, desinteressante e não-estética, e não temos medo de dizer, incorreta, seria, do nosso ponto de vista, essa Olimpíada feminina paralela.” (COUBERTIN, 1912, p. 111).⁵

A oposição à participação feminina foi constante no discurso de Coubertin e sobre a tímida, mas crescente inserção em algumas provas, ele chegou a dizer em 1928: “Quanto à participação das mulheres nos Jogos [Olímpicos], ainda sou hostil. É contra minha vontade que elas foram admitidas em um número grande de provas.” (Apud BOULOGNE, 2000, p. 23).⁶

E, reforçando a mesma postura em 1934, ele disse: “Eu continuo [...] a pensar que o contato com o atletismo feminino é ruim e que esse atletismo deveria ser excluído do programa olímpico.” (Apud BOULOGNE, 2000, p. 23).⁷

Sua postura abertamente contrária à participação feminina, desde a idealização dos Jogos Olímpicos modernos e a realização da primeira edição em 1896, em Atenas (que não contou com a participação feminina), estava amplamente baseada na ideia formulada sobre os Jogos Olímpicos na Antiguidade. Apresentando essa referência explícita, Coubertin define o que considerava o “verdadeiro herói olímpico”:

O verdadeiro herói olímpico é, aos meus olhos, o indivíduo adulto. É preciso excluir os esportes de equipe? Não é indispensável se se aceita outro elemento essencial do olimpismo moderno como era o antigo: a existência de um Altis ou cidadela sagrada. Havia, em Olímpia, eventos que ocorriam fora do Altis, toda uma vida coletiva palpitava no seu entorno sem, contudo, ter o privilégio de se manifestar no interior: o Altis era como um santuário reservado a um único atleta consagrado, purificado, admitido nas provas principais e tornado assim um tipo de sacerdote, de oficiante da religião muscular. Da mesma forma, entendo que o olimpismo moderno como constituído em seu centro por um tipo de Altis moral, de burgo sagrado onde estão reunidos, para afrontar suas forças, os concorrentes dos esportes viris por excelência [...] e então, ao redor de todas as outras manifestações esportivas da vida que se queira organizar... Torneios de futebol e outros jogos, exercícios de equipe etc. Eles serão honrados como convém, mas em segundo plano. Novamente, as mulheres poderiam participar se se julgar necessário. Eu, pessoalmente, não aprovo a participação feminina nos concursos públicos, o que não quer dizer que elas devam se abster de praticar um grande número de esportes, mas sem se dar em espetáculo. Nos Jogos Olímpicos, seu papel deveria ser principalmente como nos antigos torneios, o de coroar os vencedores. (Apud BOULOGNE, 2000, p. 24).⁸

Tal formulação do “herói olímpico” é, consistentemente, fundamentada em elementos próprios das relações entre religião e práticas atléticas no mundo antigo, as quais são reorganizadas e redefinidas como relações entre esporte e moral, na qual é apresentada certa hierarquia. Há a ação do atleta masculino como indivíduo, que assume o novo posto do herói antigo, e, abaixo dele, a ação coletiva e, com restrições, a

das mulheres. Nesse cenário de restrição, Coubertin indica o preciso papel que as mulheres deveriam desempenhar nos Jogos Olímpicos: uma espécie de canéfora moderna. Essa proposta, formulada em 1935, foi reafirmada em 1936, praticamente um ano antes da morte de Coubertin: “O único verdadeiro herói olímpico, como eu disse, é o indivíduo adulto masculino. Conseqüente a isso, nem mulheres, nem esporte de equipe.” (Apud BOULOGNE, 2000, p. 26).⁹

O pensamento de Coubertin, bastante influente na organização dos Jogos Olímpicos até sua morte e, talvez, mesmo depois disso, forneceu elementos para situar parcialmente o acesso de mulheres a esse evento. Assim, se observa uma clara institucionalização desse tipo de exclusão que, cabe repetir, era amplamente baseada na experiência antiga (como até então era compreendida) sobre esse tema, ou seja, a justificativa era viável já que o evento procurava reproduzir determinadas estruturas de acesso e participação na Grécia antiga. Essa situação marcou fortemente a história da participação feminina no evento.

É preciso dizer que, apesar das restrições, em 1900, em Paris, essa participação já estava prevista nos jogos de golfe e tênis,¹⁰ estendendo-se paulatinamente: em 1904 (Saint Louis), arco e flecha; em 1908 (Londres), arco e flecha, tênis, iatismo e patinação artística, dada a ação de lideranças locais e não do COI,¹¹ que só se manifestou a favor da participação feminina nos Jogos Olímpicos em 1912, nos Jogos de Estocolmo. (HUMS, 2010, p. 843). Entretanto, o crescimento da participação feminina foi bastante lento:

Por muito tempo as mulheres não tinham mais que um papel marginal no movimento olímpico. Mesmo em 1992, as mulheres representavam menos que 30% dos competidores nos Jogos Olímpicos de Verão. (PFISTER, 2000, p. 3).¹²

O cenário de certa equiparação do número de participantes masculinos e femininos é bastante recente. Por exemplo, pensando-se nos extremos: na primeira edição dos Jogos Olímpicos em Atenas (1896), havia 14 modalidades desempenhadas por 241 atletas masculinos. Na edição de Pequim (2008), as 204 modalidades tinham 10.942 atletas, no total (6.305 homens e 4.637 mulheres). (RUBIO; MESQUITA, 2011, p. 27). E, recentemente, há uma crescente agregação de provas desempenhadas por atletas femininas,¹³ ou seja, o cenário atual revela

que há ainda a necessidade de equiparação, e que, ao longo do século XX, apesar de uma crescente participação feminina, houve um desequilíbrio constante, considerando-se a participação masculina como referência. E, mais que isso, deve-se notar que a restrição inicial à participação feminina, consistentemente indicada até a década de 30 (séc. XX), conforme revela o discurso de Coubertin acima, deveu-se a uma base tradicional justificada em um exemplo histórico que influenciou fortemente no debate, situação essa que vem sendo discutida:

Nenhuma atleta participou oficialmente do primeiro Jogo Olímpico moderno de 1986 e, até onde se sabe tal participação nunca foi seriamente considerada. O recém criado C.O.I. colocou como tarefa a renovação dos Jogos Olímpicos a partir do espírito dos Jogos Olímpicos antigos e como nenhuma mulher participava dos jogos antigos, obviamente não havia lugar para elas nos Jogos Olímpicos modernos. Nas “memórias”, Coubertin refere-se apenas cingidamente à era pré 1896, quando pessoas “cultas” brincavam com a condição da nudez olímpica em público, como nos tempos antigos, a fim de afastar as mulheres dos jogos. (SIMRI, 1977, p. 6; 1979, p. 12).¹⁴

No trecho acima, a questão é resumidamente apresentada: a ausência de mulheres na primeira edição dos Jogos Olímpicos modernos, o que estava baseado na forma antiga do evento e na posição de Coubertin, o que aparece consistentemente na literatura.

Não havia lugar nos festivais antigos no que se refere à participação das mulheres. As mulheres não poderiam nem mesmo assistir aos jogos antigos, e Coubertin, esperando estabelecer os Jogos Olímpicos como uma competição de elite do melhor da classe dos campeões, opôs-se às competições separadas para as mulheres e também para as crianças. Apenas com relutância ele deu às mulheres um papel nos Jogos, embora, certamente, não no próprio C.O.I. Em Atenas não havia competidoras mulheres e havia apenas 11 em Paris em 1900. Coubertin reconheceu que as atividades esportivas poderiam ter um efeito salutar para as mulheres, mas no fim ele insistia que seria melhor se as mulheres não fizessem sua performance diante dos espectadores. Coubertin, mais que isso, não estava sozinho na sua resistência em admitir mulheres nos jogos; o C.O.I. não admitiu mulheres nas suas classificações até quase meio século após a morte dele. (SENN, 1999, p. 28).¹⁵

Além da influência de Coubertin e da sua sintonia com o COI, há outros elementos importantes indicados. Na compreensão da forma antiga dos Jogos Olímpicos como base nos Jogos Olímpicos modernos, a situação das mulheres é especificada: elas não poderiam nem mesmo tomar parte da audiência das competições atléticas, e seu afastamento do evento estaria ligado mais à exposição em público do que à necessidade de praticar algum esporte, o que era algo positivo para Coubertin. Essa situação das mulheres, diante dos eventos esportivos, a partir das conexões entre discurso contemporâneo e experiência antiga, é elemento constante nas atuais avaliações da participação feminina nesses eventos. E é possível notar como os elementos de restrição e abertura reaparecem:

Na Grécia Antiga, as mulheres não participavam dos esportes na mesma medida que hoje em dia, embora seja possível observar que mesmo agora os esportes femininos recebem comparativamente menos cobertura na mídia. Com exceção de Esparta, o domínio da mulher casada era o lar, onde ela poderia buscar beleza e saúde na privacidade. Tradicionalmente, seu lugar não era no ginásio público nem, certamente, no mundo competitivo do estádio. Quase todas as evidências que permaneceram sobre o esporte feminino, portanto, concernem a jovens moças solteiras. Os Jogos Olímpicos antigos eram uma prerrogativa masculina, um festival apenas para homens atletas em honra de um deus masculino – Zeus. Mulheres casadas não poderiam nem mesmo assistir os Jogos Olímpicos, pois se temia que houvesse poluição do local sagrado. Os textos apresentam apenas uma violação, quando uma mulher se disfarçou de treinador para ver seu filho triunfar na competição do boxe, embora os oficiais a tenham poupado (em vez de jogá-la do penhasco) por que ela era filha do famoso boxeador Diágoras. (CROWTHER, 2007, p. 147-148).¹⁶

Além da já vista conexão entre a situação feminina no passado e no presente, esse trecho apresenta novamente uma restrição bastante grande à qual as mulheres estavam submetidas. O local das mulheres era em casa, e a sua exposição pública nos eventos atléticos, seja como atletas, seja como espectadoras, era vetada. Entretanto, algumas especificidades: a situação de Esparta, a possibilidade da presença de moças solteiras e o exemplo de Ferenice que, por ser filha de um atleta renomado, não foi condenada à morte ao infringir a proibição. Esses exemplos, que esclarecem um pouco sobre a presença feminina nas provas atléticas no

mundo antigo indicam também os elementos com os quais a bibliografia, tradicionalmente, trabalha. Como visto, o conjunto de restrições é destacado, mas há também determinadas exceções que podem ser evidenciadas para relativizar o quadro de restrições, e, nesse sentido, há ainda outros elementos:

A discriminação contra as mulheres participantes de esportes pode ser traçada desde os Jogos Olímpicos antigos, quando elas eram proibidas de participar. Anshel (1994) diz que as mulheres poderiam ser sentenciadas à morte por simplesmente assistir homens competindo. Porém, [...] na Grécia antiga, mulheres estabeleciam seus próprios jogos em honra de Hera, a esposa de Zeus. As mulheres espartanas eram efetivamente encorajadas a manterem-se saudáveis (através da prática física), com o intuito de serem boas “geradoras”. (DELANEY; MADIGAN, 2009, p. 179).¹⁷

A restrição indicada, como já visto em todos os exemplos acima, é parcialmente relativizada fazendo breve menção a exceções como é o caso das mulheres espartanas, também já citado, mas uma novidade: um festival feminino específico: as Heraias de Olímpia. Dessa forma, são exemplos de atuação bastante delimitada, culturalmente (o caso de Esparta), e pelo gênero (o caso do festival próprio). É interessante observar, com isso, que a situação de restrição pode ser apresentada isoladamente ou trazendo os elementos de relativização, às vezes, em conjunto. Ainda, alguns desses elementos podem ser tratados de forma mais precisa. Sobre as Heraias, por exemplo, e sua relação referencial com os Jogos Olímpicos, é dito que

durante os primeiros Jogos Olímpicos em 776 a.C., não era permitida a participação de mulheres... Mulheres eram consideradas uma distração para os participantes masculinos e, portanto eram impedidas de qualquer participação ou de serem espectadoras nos jogos. Porém, como resultado de sucesso e popularidade dos jogos de 776 a.C., as Heraias foram criadas no século VI a.C., em honra à deusa grega Hera, como um evento atlético específico para mulheres. Como os eventos masculinos, as Heraias consistiam de esporte de tipo de corrida e de campo. Com o intuito de competir nos eventos, às mulheres participantes era exigido vestirem-se como homens. Curiosamente, homens não podiam assistir às competições das mulheres atletas. No mundo antigo, havia um

medo e uma tradicional crença que se um homem visse uma mulher competir em um evento atlético, o homem poderia observar a coragem atlética feminina como algo não atrativo. (STANGE et al., 2011, p. 1.384).¹⁸

Esse cenário mais preciso segue, em linhas gerais, uma forma parecida com a vista até então: a apresentação de restrição e uma exceção na sequência, como outra que apresenta nosso elemento:

As competições atléticas eram caracterizadas apenas por competidores masculinos, e as mulheres casadas eram excluídas de Olímpia, sob pena de morte (Pausânias, *Descrição da Grécia* 5.6.7, 6.7.2), embora as virgens possam ter sido permitidas como espectadoras (6.20.8-9). Havia corridas para as mulheres em vários festivais, incluindo as Heraias em Olímpia, mas esses eram eventos separados e não, de alguma forma significativa, equivalente aos *agones* masculinos. (GREENE, 2005, p. 40-41).¹⁹

Além da indicação da fonte da informação bastante retomada (a proibição da presença de mulheres na audiência, havendo a permissão para as solteiras/virgens – as *parthenoi*), a situação do festival específico (as Heraias) é ampliada, quando se diz que havia abertura à participação em corridas em outros festivais. Tem-se, dessa forma, um cenário geral de caracterização da participação feminina que indica a força da restrição no mundo antigo (muitas vezes situando ali a tradição, na qual estariam baseadas as restrições ao longo da contemporaneidade) e um cenário de participação restrita. Assim, segundo essas variadas interpretações da participação feminina em festivais antigos, a presença feminina existia, mas era bastante delimitada, o que é coerente com a prática comum de relacionar a participação feminina a provas menos violentas como a corrida a pé (conforme citação acima) e a corrida de carro e, conseqüentemente, desvinculá-la dos esportes mais violentos:

As mulheres não participavam dos mais brutais eventos tais como o boxe e o pancrácio, um evento em que havia uma mistura de boxe e a luta. As mulheres espartanas, porém, ocupavam-se com a luta. Corrida a pé e a corrida de carro parecem ter sido os principais tipos de competição nas quais as mulheres atuavam. Platão, na República,

propôs treinamento atlético para as mulheres, sobretudo com espadas e a corrida, sugerindo um programa de corridas para moças de aproximadamente uma milha e meia. (KIAFS; LYON, 1973, p. 5).²⁰

Diz-se, por exemplo, que Licurgo era favorável à prática do pancrácio entre mulheres; já Platão, não.²¹ Em *A República* (5.451-5.452) e em *As Leis* (7.794 e 8.833), ele sugere o treinamento de mulheres em ginástica, equitação, arco e flecha, lançamento de disco, corrida e esgrima. A importância das lutas estava ligada à formação militar. Platão, em *As Leis* (7.795), diz que o guerreiro bem-treinado era competente nas três modalidades de luta (a *pale*, o boxe e o pancrácio). Filóstrato, ao caracterizar a mais violenta delas, o pancrácio, à qual ele chamava perigosa,²² diz que era a competição mais honrada nas Olimpíadas e a mais importante na preparação dos guerreiros (JENKINS, 2005, p. 149), daí sua inserção entre as mulheres espartanas. Há outros exemplos além daquele das mulheres espartanas, como algumas mulheres gladiadoras,²³ o que é constantemente atenuado, dizendo-se que elas lutavam contra gladiadores anões. Entretanto, Brunet (2004), criticando essa interpretação, diz que se trata de uma leitura equivocada das fontes.

Há várias informações sobre participação feminina em festivais gregos. Nas Panateneias, por exemplo, ela é bem-atestada em alguns contextos. Numa descrição da presença feminina nesse festival, Lefkowitz (1996) começa fazendo uma crítica à visão sobre a mulher ateniense que geralmente restringe sua ação no âmbito do *oikos*. Ao contrário disso, ele estrutura o seu artigo sobre a demonstração de uma efetiva participação na preparação e no desenvolvimento de festivais áticos, sobretudo as Grandes Panateneias, já que, segundo o autor, “não havia festival cívico no qual as mulheres desempenhassem um papel mais proeminente”. (LEFKOWITZ, 1996, p. 79).²⁴ Nesse contexto, a participação feminina é descrita principalmente por sua dimensão religiosa, destacando-se a figura das *ergastinai*, *arrhephorai* e *kanephorai*, todas ligadas a elementos da preparação e execução do festival e, como insiste o autor, honoríficas.²⁵ E nenhuma menção é feita à participação de mulheres como atletas.

Essa ausência é ratificada pela premiação oferecida nas competições relacionadas às Panateneias – as ânforas panatenaicas.²⁶ Há, nesse tipo de vaso (produzido entre os séculos VI e I a.C.), duas faces opostas com informações específicas. Numa delas, a figura da deusa Atena (a divindade

cultuada no festival em questão) entre colunas e a inscrição “*Ton athenthen athlon*” [“Um prêmio dos jogos de Atenas”]. Na outra, a figura da prova na qual o vencedor obtinha o vaso.²⁷ A partir disso, estabeleceu-se uma distinção entre as faces, organizando-se um espaço à figuração da figura feminina de Atena e outro espaço à figuração masculina dos atletas. Há pouquíssimos exemplos de interação na mesma face. Por exemplo, a figura de Atena aparece num vaso ao lado de um atleta masculino. (FRANCISCO, 2012, cat. 7). E, quanto à face com as provas, no século IV a.C., era comum a presença de figuras de Vitórias aladas (FRANCISCO, 2012, cats. 410, 411, 412, 413, 437, 438, 439, 441 e 475) e há, também, uma alegoria da cidade de Olímpia (FRANCISCO, 2012, cat. 470), mas não figuras de atletas-femininas. Dessa forma, parece, nesse festival, que a presença feminina estava amplamente fixada no âmbito da preparação e execução ritualística como Lefkowitz indicou, mas a situação é mais complexa.

Há uma série de inscrições datadas do fim dos séculos III e II a.C.²⁸ com listas de vencedores nas competições de corridas de carro nas Grandes Panateneias. Nelas, se destaca a presença consistente de membros da realeza como os Ptolomeus, os Atalidas e os Selêucidas. (SHEAR, 2007). Dentre os 55 nomes identificados, aparecem algumas mulheres vencedoras da corrida de carro: em 202 a.C., Zeuxo, Eucrateria e Hermione (filhas de Polícrates de Argos, um ministro dos Ptolomeus); em 198 a.C., Zeuxo de Cirene (esposa do mesmo Polícrates); em 182 a.C., uma nova vitória de Hermione; em 170 a.C., Irene de Alexandria; em 162 a.C., Agatocleia (filha de um embaixador ptolomaico) e a rainha Cleópatra II.²⁹

A partir da menção de nomes em listas de vencedores, inscrições em monumentos e outras referências, é possível identificar outras atletas (mulheres) vitoriosas em festivais pan-helênicos, por exemplo, Cinisca, filha de Arquidamos de Esparta e irmã de Agesilau, tem seu nome relacionado à vitória de corrida de carro em Olímpia, em 396 e 392 a.C. (em inscrição na base de uma estátua que indica Cinisca como uma vitoriosa e, praticamente quatrocentos anos depois, suas vitórias são contadas por Plutarco, na biografia de seu irmão (*Vidas paralelas*, Agesilau 20.1)). (SPEARS, 2004, p. 40). E Belistiche, amante de Ptolomeu Filadelfo, tem o nome relacionado à vitória em corrida de potros em meados do século III a.C. (SPEARS, 2000, p. 42). Há, ainda, o caso de Berenice I (esposa de Ptolomeu I), que foi vencedora em Olímpia, no

século III a.C. e Berenice II (esposa de Ptolomeu III) que, também no século III a.C., foi vencedora na mesma prova em Olímpia, no Istmo e duas vezes em Nemeia (GOLDEN, 2004, p. 27), com bibliografia; e mais notícias de mulheres-atletas vitoriosas em competições de Esparta, Oxirrinco, Larissa, Delfos, entre outros.³⁰

Esse conjunto de informações oferece elementos para, ao menos, repensar o quadro de referências e justificativas sobre a presença feminina na Antiguidade e na contemporaneidade. Em primeiro lugar, é preciso dizer que a restrição à participação feminina nos Jogos Olímpicos modernos estava ligada, no seu processo de constante abertura, a diversos elementos (LOPIANO, 2000), dos quais a base, na experiência antiga, é apenas mais um. Entretanto, a recorrência desse argumento é bastante relevante para situar a importância dessa referência no discurso e na prática de restrição imposta às mulheres como atletas nos Jogos Olímpicos modernos. Como visto, mesmo na caracterização mais recente da participação feminina em Jogos Olímpicos, a base, na experiência antiga do festival, é apresentada como elemento justificável e, em vários casos, reforça a ideia de uma forte restrição ao desempenho do papel feminino naquele contexto, espelhado na formulação moderna do festival. Entretanto, mesmo esse quadro de restrição é apresentado com certas ressalvas. A questão da restrição muito forte, conforme Pausânias, é relativizada a partir de determinadas aberturas específicas: é o caso da possível participação de moças solteiras virgens – *parthenoi* –; o de Ferenice, uma mulher casada que, pela influência do pai, não é penalizada; o das mulheres espartanas e dos festivais específicos como as Heraias. Entretanto, esse quadro de abertura restrita pode ser ampliado.

A primeira questão a ser observada é o caso de restrição à participação das mulheres casadas que, como visto, não era absoluta. Os poucos exemplos apresentados acima indicam um número expressivo de mulheres casadas (rainhas), participantes de festivais pan-helênicos (incluindo Jogos Olímpicos). Assim, a declaração de Pausânias sobre esse tema revela uma determinação parcial, da qual não é possível entender, com clareza, sua extensão. Entretanto, é preciso notar que a participação dessas mulheres, provavelmente, estava conectada à influência masculina relacionada. Outra questão importante é a especificidade da participação. A literatura insiste na formulação de um tipo de festival propriamente feminino (as Heraias de Olímpia), onde as mulheres poderiam competir. Entretanto, as vitórias acima indicadas mostram a projeção de uma

participação bem maior: não restrita a festivais femininos. Ao contrário, são vitórias de mulheres-atletas em festivais pan-helênicos: em Olímpia, em Delfos, em Nemeia, no Istmo e em outros; em competições mistas (mulheres competindo contra homens).³¹

As evidências mais claras são do período clássico e de períodos posteriores. Mas, antes disso, são bem-conhecidas tanto a instituição das Heraias de Olímpia³² quanto a cultura física entre mulheres em Esparta.³³ E, mesmo na formulação literária e imagética do mito, mulheres-atletas são colocadas em destaque. É o caso, por exemplo, da participação de Nausícaa em alguns jogos lúdicos na *Odisseia* (SPEARS, 2000, p. 34-35), e de Atalanta que aparece numa hídria de c. 560 a.C. em luta contra Peleu. (GOLDEN, 2004, p. 135, p. 7). Entretanto, tal papel era, evidentemente, bastante delimitado, já que se observa, por exemplo, na *Iliada* (23, 512-513), que o prêmio de Diomedes nos jogos em honra a Pátroclo é uma trípode e uma mulher, o que confere à mulher uma função basicamente instrumental. Dessa forma, a partir das informações disponíveis, percebe-se um quadro de participação delimitado, mas menos restrito do que geralmente é apresentado pelas fontes. Entretanto, isso não quer dizer que houvesse uma equiparação de papéis.

Nesse sentido, por que informações acerca da abertura menos restrita à participação feminina não foram amplamente consideradas ao longo dessa discussão? É preciso notar, por exemplo, que o texto de Pausânias (*Descrição da Grécia*) já era bem-conhecido e bastante utilizado nas publicações básicas sobre Jogos Olímpicos modernos na época de sua instituição. (COUBERTIN et al., 1896; 1897). Na publicação de 1896, dedicada à descrição dos Jogos Olímpicos antigos, os exemplos de Ferenice, Belestiche e Cinisca são citados como complemento da informação sobre a proibição da participação feminina. (COUBERTIN et al., 1896, p. 20-21, 43). E, ali mesmo, também já eram apresentadas de forma sumária as Heraias de Olímpia. (COUBERTIN, 1896, p. 17).

Em outras publicações contemporâneas, já está disponível, por exemplo, boa parte das inscrições com a lista dos vitoriosos no fim dos séculos III e II a.C. nas Grandes Panateneias, acima indicadas. As inscrições *IG II² 2313* e *IG II² 2314* foram publicadas na série *Inscriptiones Graecae*, em 1883, como *IG II 967* e *IG II 966*, e novamente publicadas em 1931, com uma apresentação revisada e a identificação atual, aparentemente desconhecidas do público em geral. Entretanto, a

questão não parece ser apenas de conhecimento e de disponibilidade das informações. Mesmo ciente das informações constantes da publicação que organizou e fez a apresentação (COUBERTIN et al, 1896, p. 1-8), Coubertin era contra uma Olimpíada feminina paralela, evento similar às Heraias de Olímpia. Assim, a base para a constituição de um discurso que orientaria a prática do COI quanto aos Jogos Olímpicos modernos era seletiva no que se refere às práticas antigas, respondendo a aspectos morais diferentes. Para ir além nesse debate, é preciso observar com mais interesse a variedade de informações sobre a participação feminina nos festivais antigos e relativizar a eventual justificativa de que as restrições identificadas, naquele contexto, forneceriam a base para a experiência atual. Ou seja, desnaturalizar o cenário rígido de restrições na Antiguidade e sua referência para a contemporaneidade.

Notas

¹ “People in the States used to think that if girls were good at sports their sexuality would be affected. Being feminine meant being a cheerleader, not being an athlete. The image of women is changing now. You don’t have to be pretty for people to come and see you play. At the same time, if you’re a good athlete, it doesn’t mean you’re not a woman.” (NAVRATILOVA; VECSEY, 1985).

² Para um estudo da participação feminina em eventos esportivos, Angelini (2007). Para a crescente participação feminina nesses eventos, sobretudo nos Jogos Olímpicos, e 11 fatores importantes nos planos social, político e econômico relacionados a ela, veja-se Lopiano (2000, p. 118).

³ A dimensão política das práticas esportivas, dos atletas e especificamente das Olimpíadas modernas são temas bastante tratados. Para uma visão geral, Allison (1986), Hill (1996) e Smith (2000).

⁴ Para comentário e apresentação da bibliografia de Coubertin, consulte-se Müller e Schantz (2000).

⁵ “Impratique, inintéressante, inesthétique, et nous ne craignons pas de le dire, incorrecte, serait à notre avis, cette demi-olympiade féminine.” (COUBERTIN, 1912, p. 111).

⁶ “Quant à la participation des femmes aux Jeux, j’y demeure hostile. C’est contre mon gré qu’elles ont été admises à un nombre grandissant d’épreuves.” (COUBERTIN, P. de. *Bulletin du CIO*. 3^{ème} année, 1928. p. 5. v. 11 apud BOULOGNE, 2000, p. 23).

⁷ “Je continue [...] à penser que le contact de l’athlétisme féminin est mauvais et que cet athlétisme devrait être exclu du programme olympique.” (COUBERTIN, texto proferido em 23 de junho de 1934, na Université de Lausanne, por ocasião do quadragésimo aniversário dos Jogos Olímpicos. Apud BOULOGNE, 2000, p. 23).

⁸ “Le véritable héros olympique est à mes yeux l’adulte individuel. Faut-il en exclure les sports d’équipes? Ce n’est pas indispensable si l’on accepte un autre élément essentiel de l’Olympisme moderne comme il le fut de l’Ancienne Olympie: l’existence d’une Altis ou enceinte sacrée. Il y avait à Olympie bien des événements qui se passaient en dehors de l’Altis, toute une vie collective palpait à l’entour sans toutefois avoir le privilège de se manifester à l’intérieur: L’Altis même était comme le sanctuaire réservé au seul athlète consacré, purifié, admis aux épreuves principales et devenu ainsi une sorte de prêtre, d’officiant de la religion musculaire. De même je conçois l’Olympisme moderne comme constitué en son centre par une sorte d’Altis morale, de Burg sacré où sont réunis pour affronter leurs forces les concurrents des sports virils par excellence [...] et puis à l’entour toutes les autres manifestations sportives de la vie que l’on voudra organiser[...] tournois de football et autres jeux, exercices par équipes, etc. Ils seront ainsi à l’honneur comme il convient, mais en second rang. Là aussi, les femmes pourraient participer si on le juge nécessaire. Je n’approuve pas personnellement la participation des femmes aux concours publics, ce qui ne signifie pas qu’elles doivent s’abstenir de

praticar um grande número de esportes, mas sem se dar ao espetáculo. Nos Jogos Olímpicos, seu papel deveria ser sobretudo, como nos antigos torneios, de coroar os vencedores.” (COUBERTIN, P. de. *Sport suisse*, 1935 apud BOULOGNE, 2000, p. 24).

⁹ “Le seul véritable héros olympique, je l’ai dit, c’est l’adulte mâle individuel. Par conséquent, ni femmes, ni sports d’équipes.” (COUBERTIN, P. de. *Le Journal*, 1936 apud BOULOGNE, 2000, p. 26).

¹⁰ A tenista inglesa Charlotte Reinagle Cooper foi a primeira mulher-atleta vencedora dos Jogos Olímpicos modernos. (PFISTER, 2000, p. 4).

¹¹ Comitê Olímpico Internacional [*International Olympic Committee*] (IOC).

¹² “For a long time women played no more than a marginal role in the Olympic movement. Even in 1992 women represented less than 30% of the competitors at the Summer Olympic Games.” (PFISTER, 2000, p. 3; também CHAMEROIS, 2002, p. 132-133).

¹³ Nos jogos de Seul (1988) e Sidney (2000), houve um crescimento de 7,3% de provas masculinas e de 41% de femininas. (CHAMEROIS, 2002, p. 118).

¹⁴ “No female athletes participated officially in the first Modern Games of 1896 and to the best of our knowledge such participation was never considered seriously. The young I.O.C. set to itself the task of renewing the Olympic Games in the spirit of the ancient ones and as no women participated in the Ancient Games, there ‘obviously’ was to be no place for them in the modern ones. In the memories Coubertin refers only cynically to the pre-1896 era when

“cultured” people were joking about a requirement of nakedness of the Olympic public, like in ancient times, in order to drive women away altogether from the Games.” (SIMRI, 1977, p. 6; 1979, p. 12).

¹⁵ “*Yet a third question in the modern Games* that had no place in the ancient festivals concerned the participation of women. Women could not even attend the ancient Games, and Coubertin, wanting to establish the Olympic Games as an elite competition of the very best with only one class of champions, opposed separate competition for women or, for that matter, *for children*. He only grudgingly gave women a place in his Games, although certainly not in the IOC itself. In Athens there were no women competitors, and there were only 11 in Paris in 1900. Coubertin acknowledged that sport activities could have a salutary effect on women, but to the end he insisted that it would be best if the women did not perform in front of spectators. Coubertin, moreover, was not alone in his resistance to admitting women into the Games; the IOC did not admit women into its ranks until almost half a century after his death.” (SENN, 1999, p. 28).

¹⁶ “Females in ancient Greece did not participate in sport to the same extent that today, although we may observe that even now women’s sport receives comparatively little coverage in the media. With the exception of Sparta, a married woman’s domain was the home, where she could seek beauty and health in private. Traditionally, her place was not in the public gymnasium and certainly not in the competitive world of the stadium. Almost all the evidence that

remains for female sport, therefore, concerns young unmarried girls. The ancient Olympics were a man's prerogative, a festival only for male athletes in honor of a male god Zeus. Married women could not even attend the Olympic Games, for fear that they would pollute the sacred site. The texts record only one violation, when a woman disguised herself as a trainer to watch her son triumph in the boxing competition, although the officials spared her (instead of throwing her from a cliff) because she was the daughter of the famous boxer Diagoras." (CROWTHER, 2007, p. 147-148).

¹⁷ "Discrimination against women participating in sports can be traced back to the ancient Olympics when women were forbidden from participating. Anshel (1994) states that women could be sentenced to death for simply watching men compete. However, [...] women of ancient Greece established their own games in honor of Hera, the wife of Zeus. Spartan women were actually encouraged to keep healthy (through physical activity) in order to be good 'breeders'. (DELANEY; MADIGAN, 2009, p. 179).

¹⁸ "During the first Olympic Games in 776 BCE, women were not allowed to participate [...]. Women were deemed a distraction for the male participants, and therefore were prevented from any participation or spectatorship in the games. However, as a result of the success and popularity of the 776 BCE games, the Heraea Games were created in the 6th century BCE, in honor of the Greek goddess Hera, as an athletic event specifically for women. Like the male events, the Heraea Games consisted of track-and-field type sports. In order to compete in the events, female

participants were required to dress like men. Interestingly, males were not allowed to watch the female athletes compete. In the ancient world, there was a fear and long-held belief that if a male watched a female compete in athletic events, the male may perceive the female's athletic prowess as unattractive." (STANGE ET AL., 2011, p. 1.384 – Sports, women in; Women and ancient Olympic games).

¹⁹ "Athletic contests featured only male competitors, and married women were excluded from the Olympia, on penalty of death (Paus. 5.6.7, 6.7.2), although parthenoi may have been permitted to attend as spectators (6.20.8-9). There were running races for women at various festivals, including the Heraea at Olympia, but these were separate events and are not in any meaningful way the equivalent of male agones." (GREENE, 2005, p. 40-41).

²⁰ "The women did not participate in the more brutal events such as boxing and the *pankration*, an event in which there was a mixture of boxing and wrestling. Spartan women, however, did engage in wrestling. Running and chariot driving appear to have been the main types of competition in which the women took part. Plato in *The Republic* proposed athletic training for women and favored fencing and running, suggesting a program of races for girls [...] of approximately one-half mile". (KLAFS; LYON, 1973, p. 5). Para as evidências de que as mulheres espartanas participavam de disputas do pancrácio, boxe e da luta (*pale*), Scanlon (1988).

²¹ WOMACK, 2003, p. 125. Para a proposta de Licurgo sobre a exortação das práticas atléticas entre as mulheres espartanas, PLUTARCO, *Vidas paralelas*, Licurgo 14.2-

3 e Xenofonte, *Constituição do Lacedemônios* 1.4.

²² Admitia-se, no pancrácio, práticas como a do estrangulamento e o chute na virilha (Filóstrato, *Imagens* 2,6).

²³ Pode-se mencionar, por exemplo, Atalanta (personagem mitológica – uma “gladiadora” grega), o que parece ser ratificado por evidências da existência efetiva de mulheres gladiadoras, como Amazônia e Aquília (para o caso do mito de Atalanta e uma investigação sobre mulheres gladiadoras, vejam-se Crowther (2007, p. 146-53); para o caso de Amazônia e Aquília, a partir de informações da manumissão de ambas sobre um monumento (um relevo de Halicarnasso do século II a.C. – Londres, Museu Britânico GR 1847-4.24.19), confira-se em Cameron (2004, p. 230) (com bibliografia); para a ocorrência em fontes literárias (Tácito, Dion Cássio, Petrônio, Marcial, Estácio e Suetônio) e uma fotografia do relevo citado, Jacobelli (2003, p. 17-18).

²⁴ “*In no civic festival do women play a more prominent role than in the Panathenaia*”. (LEFKOWITZ, 1996, p. 79; também, Wilson (2006, p. 732).

²⁵ Ele chega a dizer que essa posição era frequentemente ligada a jovens de famílias aristocráticas. (LEFKOWITZ, 1996, p. 79). Tais funções são discutidas ao longo do texto de Lefkowitz. Para uma apresentação breve, analise-se Day (2010, p. 169).

²⁶ Para uma introdução às Panateneias, Neils (1992, p. 13-28); para uma visão detalhada de seu desenvolvimento, SHEAR (2001) (com a apresentação

extensiva e comentada das fontes literárias e epigráficas). Para uma apresentação mais breve das fontes literárias sobre as Panateneias, Davison (1958). Para as ânforas panatenaicas, busque-se em Bentz (1998) e Francisco (2012).

²⁷ As provas registradas são as seguintes: corrida a pé (curta distância), corrida a pé (longa distância), corrida armada, pentatlo, boxe, *pale*, pancrácio, corrida de biga, corrida de quadriga, *apobates*, corrida de cavalo, acertar o alvo a cavalo e prova de cítara.

²⁸ Para uma detalhada apresentação epigráfica das inscrições citadas, Tracy (1991).

²⁹ As inscrições são: *IG II² 2.313*, *IG II² 2.314*, *SEG XLI 115*, *IG II² 2.316* e *IG II² 2.317*.

³⁰ Para uma lista de fontes para mulheres-atletas vencedoras em festivais, Lefkowitz e Fant (1992, p. 161-162). *Para algumas referências literárias a mulheres-atletas*, Potter e Mattingly (1999, p. 261, n. 10).

³¹ Para competições mistas (mulheres e homens competindo na mesma prova) em festivais gregos antigos, Golden (2004, p. 132-140).

³² A tradição informa a instituição das Heraias no século VI a.C., mas é importante notar que, até Pausânias (5.16.2-4), século II d.C., praticamente, não há informações sobre esse festival. (SPEARS, 1984, p. 35).

³³ Para uma apresentação das fontes por período, Golden (2004).

Documentos

IG – Inscriptiones Graecae. Berlin-Brandenburgische Akademie der Wissenschaften.

SEG – Supplementum Epigraphicum Graecum. Leiden: Brill.

Filóstrato. *Imagens.*

Flavii Philostrati Opera, v 2. Philostratus the Lemnian (Philostratus Major). Carl Ludwig Kayser. in aedibus B. G. Teubneri. Lipsiae. 1871. Keyboarding.

Filóstrato. *Sobre a Ginástica.*

Flavii Philostrati Opera, v 2. Philostratus the Athenian. Carl Ludwig Kayser. in aedibus B. G. Teubneri. Lipsiae. 1871. Keyboarding.

Homero. *Iliada.*

Homer. The Iliad with an English Translation by AT. Murray, Ph.D. in two volumes. Cambridge, MA, Harvard

University Press; London: William Heinemann, Ltd. 1924.

Homero. *Odisseia.*

Homer. The Odyssey with an English Translation by A.T. Murray, PH. D. in two volumes. Cambridge: Harvard University Press; London: William Heinemann, Ltda. 1919.

Pausânias. *Descrição da Grécia.*

Pausânias. Description of Greece with an English Translation by W. H. S. Jones, Litt. D., and H. A. Ormerod, M. A., in 4 vs. Cambridge: Harvard University Press; London: William Heinemann Ltda., 1918.

Platão. *As Leis.*

Plato. Plato in Twelve Volumes, vs. 10 & 11 translated by R.G. Bury. Cambridge: Harvard University Press; London: William Heinemann Ltda. 1967 & 1968.

Platão. *A República.*

Plato. Plato in Twelve Volumes, vs. 5 & 6 translated by Paul Shorey. Cambridge: Harvard University Press; London: William Heinemann Ltd. 1969.

Plutarco. *Vidas paralelas.*

Plutarch. Plutarch's Lives. with an English Translation by. Bernadotte Perrin. Cambridge: Harvard University Press; London: William Heinemann Ltda. 1917. 5; 1914. 1.

Referências

- ALLISON, L. *The politics of sport*. Manchester: Manchester University Press, 1986.
- ANGELINI, J. R. *Making the choice: an examination of sport and gender preference through channel changing*. Massachusetts: University of Massachusetts at Boston; ProQuest/UMI Dissertation, 2007.
- BENTZ, M. *Panathenäische preisamphoren: eine athenische Vasengattung und ihre Funktion vom 6.4. jahrhundert v. Chr. Antike Kunst Beiheft 18*. Basel: Vereinigung der Freunde antiker Kunst, 1998.
- BOULOGNE, Y.-P. Pierre de Coubertin et le sport féminin. *Revue Olympique*, p. 23-26, fév./mars 2000,
- BRUNET, S. Female and dwarf gladiators. *Museion*, v. 4, p. 145-170, 2004.
- CAMERON, A. *Greek mythography in the Roman world*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- CHAMEROIS, N. *La mondialisation des Jeux Olympiques de Séoul (1988) à Sydney (2000)*. 2002. Université de Franche-Comté, UFR des Sciences de l'Homme, du Langage et de la Société ; Centre d'Études et de Recherche sur le Sport et l'Olympisme (Cerso); Laboratoire THEMA, UMR 6049 du CNRS, Comité International Olympique, Comité National Olympique et Sportif Français. Besançon: France. Thèse de doctorat, IOC Library, 2002.
- COUBERTIN, P. de. Chronique du mois: duel de races: le mépris de la mort: défense aux femmes: palais des sports: Le prix d'un athlète. *Revue Olympique*, 10^{ème} année, p. 108-111, juillet 1910.
- _____. Les femmes aux Jeux Olympiques. *Revue Olympique*, n. 79, p. 109-111, juil. 1912.
- CROWTHER, N. B. *Sport in ancient times*. Westport: Praeger, 2007.
- DAVISON, J. A. Notes on the Panathenaia. *Journal of Hellenic Studies*, v. 78, p. 23-42, 1958.
- DAY, J. W. *Archaic greek epigram and dedication: representation and reperformance*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- DELANEY, T.; MADIGAN, T. *The sociology of sports: an introduction*. Jefferson: McFarland & Co., 2009.
- FRANCISCO, G. da S. *Panathenais: tradição, permanência e derivação*. 2012. Tese (Doutorado) – Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, São Paulo, 2012.
- GREENE, E. *Women poets in ancient Greece and Rome*. Oklahoma: University of Oklahoma Press, 2005.
- GOLDEN, M. *Sport in the ancient world from A to Z*. London: Routledge, 2004.
- HILL, Ch. R. *Olympic politics*. Manchester: Manchester University Press, 1966.
- HUMS, M. A. Women's leadership in the Olympic movement. In: O'CONNOR, K. (Ed.). *Gender and women's leadership: a reference handbook*. London: Sage Publication Ltd., 2010. p. 842-850.
- JACOBELLI, L. *Gladiators at Pompeii*. Los Angeles: Getty Publications, 2003.
- JENKINS, S. P. R. *Sports science handbook*: A-H. Brentwood, Essex, UK: Multi-Science Publishing, 2005.
- KLAFFS, C. E.; LYON, M. J. *The female athlete: conditioning, competition, and culture*. Saint Louis: Mosby, 1973.

- LEFKOWITZ, M. R. *Women in the Panathenaic and other festivals*. In: NEILS, J. (Org.). *Worshipping Athena*. Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1996. p. 78-91.
- LEFKOWITZ, M. R.; FANT, M. B. *Women's life in Greece & Rome: a source book in translation*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1992.
- LIMENA, M. C. *Avenida Paulista: imagens da metrópole*. São Paulo: Educ, 1996.
- LOPIANO, ... 2000.
- MÜLLER, N.; SCHANTZ, O. Bibliography of Coubertin's writings. In: MÜLLER, N. O. (Ed.) *Olympism: selected writings by Coubertin, Pierre de, 1863-1937*. Lausanne: International Olympic Committee, 2000. p. 755-827.
- NAVRATILOVA, M.; VECSEY, G. *Martina*. New York: Knopf, 1985.
- NEILS, J. (Ed.). *Goddess and polis: the panathenaic festival in ancient Athens*. New Jersey: Princeton University Press, 1992.
- PFISTER, G. Women in the Olympic Games. In: DRINKWATER, B. L. (Ed.). *Women in sport: the encyclopedia of sports medicine and IOC medical committee publication*. Oxford: Blackwell, 2000. p. 3-22. v. 8.
- POTTER, D. S.; MATTINGLY, D. J. *Life, death, and entertainment in the Roman Empire*. Michigan: University of Michigan Press, 1999.
- RUBIO, K.; MESQUITA, R. M. *Os estudos olímpicos e o olimpismo nos cenários brasileiro e internacional*. Porto Alegre: Ed. Universitária da PUCRS, 2011.
- SACKS, D.; MURRAY, O.; BRODY, L. R. *Encyclopedia of the ancient Greek world*. New York: Schlager, 2005.
- SCANLON, Th. F. Virgineum Gymnasium. Spartan females and early Greek athletics. In: RASCHKE, W. J. (Org.). *The archaeology of the Olympics: the Olympics and other festivals in antiquity*. Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1988. p. 185-216.
- SENN, A. E. *Power, politics, and the Olympic Games*. Champaign: Human Kinetics, 1999.
- SHEAR, J. L. *Polis and Panathenaia: the history and development of Athena's festival*. Michigan: UMI Dissertation Services, 2001.
- _____. Royal Athenians: the Ptolemies and Attalids at the Panathenaia. In: PALAGIA, O.; CHOREMI-SPERSIERI, A. (Org.). *The panathenaic games: proceedings of an international conference held at the University of Athens, May 11-12, 2004*. Oxford: Oxbow, 2007. p. 135-145.
- SIMRI, U. *A historical analysis of the role of women in the modern Olympic games*. Netanya, Israel: Wingate Institute for Physical Education and Sport, 1977.
- _____. *Women at the Olympic Games*. Netanya, Israel: Wingate Institute for Physical Education and Sport, 1979.
- SMITH, S. *The Olympics at the millennium: power, politics, and the games*. New Jersey: Rutgers University Press, 2000.
- SPEARS, B. A perspective of the history of women's sport in ancient Greece. *Journal of Sport History*, v. 11, n. 2, p. 32-47, 1984.
- STANGE, M. Z.; OYSTER, C. K.; SLOAN, J. E. *Encyclopedia of women in today's world*. Los Angeles; London; New Delhi; Singapore; Washington DC: Sage, 2011.
- TRACY, S. V. The panathenaic festival and games: an epigraphical inquiry. *Nikephoros*, v. 4, p. 133-153, 1991.
- VIEIRA, S.; FREITAS, A. *O que é atletismo? História, regras, curiosidades*. Rio de Janeiro: Comitê Olímpico Brasileiro; Casa da Palavra, 2007.

WILSON, N. G. *Encyclopedia of ancient Greece*. London: Routledge, 2006.

WOMACK, M. *Sport as symbol: images of the athlete in art, literature and song*. Jefferson: McFarland & Company, 2003.

